

A Realização Variável do Objeto Indireto (dativo) na Fala de Florianópolis

Gessilene Silveira*

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

• Leda Bisol (org.)
Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro. 1999, 2ª edição, 254p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
 Caixa Postal 1429
 90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>
 E-mail edipucrs@pucrs.br
 Fone/Fax: (51) 320.3523

ABSTRACT: The aim of this paper is to present a statistics approach of extralinguistics and linguistics variables that to make possible the application of indirect object (dativo) in a tonic pronoun and clitic form in the spoken language in Florianópolis.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar um levantamento das variáveis lingüísticas e extralingüísticas que favorecem a realização do objeto indireto (dativo) na forma de clítico e na forma de pronome tônico na linguagem falada de Florianópolis.

Key-words: dativo, tonic pronoun, clitic.

Palavras-chave: dativo, pronome tônico, clítico.

Introdução

No que se refere ao sistema pronominal do português brasileiro (doravante PB), as pesquisas de âmbito sociolingüístico (Pereira 1981; Duarte 1986; Corrêa 1991; Cyrino 1993; Pagotto 1993; Nunes 1992; Menon 1994, entre outros) revelam que ele passa por mudanças significativas, principalmente quando se tem em vista o sistema de clíticos.

* Este trabalho é parte do estudo realizado para exame de qualificação em sociolingüística, no curso de doutorado - Pós-Graduação em Letras/Lingüística - na Universidade Federal de Santa Catarina. Agradeço à Profa. Edair Gorski pela sugestão e orientação da pesquisa. Eventuais erros são de minha inteira responsabilidade.

** Doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina

Os clíticos se caracterizam como um dos fenômenos mais intrigantes da sintaxe das línguas românicas. São itens que, mesmo podendo valer por um argumento de um verbo, ocupam uma posição que não é própria de um argumento do verbo: o clítico ocorre antes ou depois do verbo¹, sempre amalgamados². É um posicionamento que varia de língua para língua.

No PB, os clíticos têm um comportamento bastante particularizado, diferenciando-se, assim, de outras línguas românicas. As diferenças podem ser notadas tanto no sistema quanto no posicionamento: a posição preferencial é a pré-verbal e o sistema é bastante empobrecido, pois nessa língua os clíticos concorrem com outras formas alternativas, por exemplo, o pronome tônico (1b), (1d) e (1f) e o objeto nulo³ (2):

- (1) a. A Maria te visitou ontem.
b. A Maria visitou você ontem.
c. O rapaz me mandou flores.
d. O rapaz mandou flores pra mim.
e. O João lhe entregou a revista.
f. O João entregou a revista pra ela.
- (2) a. Eu coloquei ? na estante da sala.
b. A professora entregou o livro .
c. A Joana viu ? na TV ontem.

Com relação às várias pesquisas que abordam o sistema de clíticos, pode-se dizer que a maioria delas volta a atenção para os clíticos acusativos, aqueles que desempenham a função de objeto direto, deixando de lado, muitas vezes, os clíticos da-

¹ Ver a esse respeito Silveira (1997).

² Uma evidência em favor da idéia de que o clítico e verbo fazem parte de um mesmo complexo nuclear pode ser vista nas sentenças abaixo:

- (i) a. A Maria carinhosamente me beijou.
b. * A Maria me carinhosamente beijou.

A interposição do advérbio, *carinhosamente*, entre o clítico e o verbo, como mostra a agramaticalidade de (ib), serve para mostrar que entre eles não pode ocorrer elementos de outra natureza.

³ Esta forma deu origem ao chamado fenômeno do objeto nulo, conforme Galvez (1989) e Cyrino (1993).

tivos, aqueles que desempenham a função de objeto indireto nas orações. Por isso, o presente trabalho se propõe a dar atenção especial a esse tipo de clítico, procurando verificar os contextos que favorecem a realização do objeto indireto na forma de clítico e na forma de pronome tônico, já que é um fenômeno típico de ser estudado sob uma perspectiva da teoria da variação lingüística.

1. Metodologia adotada

Constituição do corpus

Para a investigação do fenômeno utilizamos o banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). O corpus é composto de doze entrevistas de informantes da cidade de Florianópolis, com controle dos seguintes fatores sociais: sexo (masculino e feminino), nível de escolaridade (primário e colegial) e faixa etária (até 25; 25 a 50; acima de 50). Fatores estes que, segundo Labov (1972), podem ter influência sobre os processos em observação e devem ser considerados numa investigação sociolingüística.

A variável dependente

Como variável dependente consideramos a realização do dativo na forma de clítico (3) e na forma de pronome tônico (4):

- (3) a. Aí que me falaram que foi olho grande. (FLP 17)
b. Mas eu estava te falando no livro da Isa. (FLP 22)
c. Nós não merecemos, mas ele nos dá. (FLP 22)
d. Eu peguei e dei-lhe uma porrada⁴. (FLP 13)
- (4) a. Tem guria também que fala um monte pra mim. (FLP 13)
b. Ela telefona pra ti. (FLP 14)
c. Hoje, elas não dão nem uma calçadeira pra gente. (FLP 22)
d. Demos uma força pra ela. (FLP 04)

⁴ Vale dizer que (3d) é, na verdade, uma construção quase cristalizada.

Com o propósito de verificar a aplicação dessa regra, levamos em consideração dois tipos de variáveis independentes: as lingüísticas (pessoa do discurso, transitividade do verbo, realização ou não do objeto direto, papel do objeto indireto, forma verbal, tempo verbal e ordem) e as extralingüísticas (sexo, escolaridade e idade).

2. Descrição e análise dos dados

Uma vez levantados os dados nas doze entrevistas e feita a codificação, passamos para as rodadas estatísticas, utilizando para tanto os programas do pacote VARBRUL (Pintzuk, 1988), desenvolvido com o propósito de implementar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis, analisados sob a perspectiva da teoria da variação lingüística.

Feitas as rodadas, o corpus ficou assim constituído: 180 ocorrências de estruturas com o dativo, sendo que em 49 ocorrências o objeto indireto se realiza na forma de clítico, e em 131 ocorrências ele se realiza na forma tônica, revelando, portanto, um percentual de 27% de clíticos e 73% de pronomes tônicos. A pequena ocorrência de clíticos no corpus analisado sustenta a nossa hipótese principal: os falantes preferem realizar o dativo na forma de pronome tônico do que na forma de clítico.

Vejamos, então, a tabela abaixo com o cômputo geral dos dados, distribuídos segundo as pessoas do discurso:

Tabela 1
Distribuição do objeto indireto conforme as pessoas do discurso

Pessoa	Clítico		Tônico	
	Frequência Total/aplicação	%	Frequência Total/aplicação	%
1ª p. sing.	68/29	43	68/39	57
2ª p. sing.	19/12	63	19/7	37
2ª p. sing. (lhe)	5/5	100	5/0	0
3ª p. sing.	40/1	2	40/39	98
3ª p. pl.	19/2	11	19/17	89
1ª p. pl. (a gente)	13/0	0	13/13	100
3ª p. pl.	16/0	0	16/16	100
Total	49	27	131	73

Em relação à primeira pessoa do singular, note-se que do total de 68 dados, 43% são de clíticos e 57% são de pronomes tônicos. É um percentual revelador de que esse tipo de pessoa se apresenta quase em distribuição complementar.

Quanto à segunda pessoa do singular, das 19 ocorrências verificadas, 63% são de dativos na forma de clíticos e 37% são de dativos realizados na forma tônica. Nesse caso, o clítico supera o pronome tônico. Com relação à segunda pessoa, verificou-se, ainda, 5 (100%) realizações do dativo na forma clítica *lhe*, confirmando, assim, a ambigüidade desse tipo de clítico no PB⁵.

No que se refere à primeira pessoa do plural, note-se que do total de 19 dados, 11% são de clíticos e 89% são de pronomes tônicos. Observe-se também que o objeto indireto se realiza na forma tônica a gente: 13 casos (100%)⁶.

Quanto à terceira pessoa verificamos: para o singular 2% de clíticos e 98% de pronomes tônicos; para o plural, o dativo se realizou categoricamente na forma tônica: 16 casos (100%).

Os resultados acima confirmam as nossas expectativas em relação à resistência do clítico no PB: quando o dativo se realiza na forma de clítico, verifica-se que tal realização privilegia a primeira e segunda pessoas do discurso. Quanto à terceira pessoa, o dativo se realiza, quase categoricamente, na forma tônica, evidenciando assim o desaparecimento dos clíticos de terceira pessoa no sistema dessa língua.

Dos onze grupos de fatores examinados e testados, apenas dois mostraram-se estatisticamente significativos em rela-

⁵ Como se sabe, *lhe*, apesar de ser um pronome de terceira pessoa, no PB ele funciona também como pronome de segunda pessoa. Conforme Menon (1994), *lhe* passou por um processo de regularização de formas e assumiu dupla função no PB, à semelhança do que já ocorre, na língua, com os pronomes *me* e *te*, que funcionam tanto como objeto direto como indireto. Passou assim também a referir-se, além da terceira pessoa, à segunda pessoa, acompanhando o pronome *voce* ao longo de seu processo de pronominalização.

⁶ Conforme Silva (1996), no PB, a expressão *a gente* se comporta como um verdadeiro pronominal, sendo um dos principais fatores responsáveis pela mudança acarretada no sistema pronominal bem como no paradigma verbal dessa língua.

ção ao fenômeno investigado⁷: em primeiro lugar, a pessoa do objeto indireto, e, em segundo, a realização ou não do objeto direto. Nas tabelas (2) e (3), abaixo, podemos ver os números de ocorrências e seus respectivos percentuais, bem como os pesos relativos:

Tabela 2

Realização do objeto indireto na forma de clítico em função da variável Pessoa do discurso

Pessoa/clítico	Frequência Total/aplicação	%	PR
2ª (sing.) / te-lhe	24/17	71	.95
1ª (sing.) / me	68/29	43	.80
1ª (pl.) / nos	32/2	6	.27
3ª (sing.) / lhe	56/1	2	.09

Como podemos ver, os resultados são bastante significativos, apontando para uma polarização no comportamento da primeira (.80) e segunda (.95) pessoas versus a terceira pessoa (.09). Note-se que a pessoa que identifica o centro dêitico do ato comunicativo (P1) favorece o uso do clítico, enquanto a terceira pessoa (P3) desfavorece. Quanto à segunda pessoa, observe-se que ela tende a ser mais cliticizada (.95) do que a primeira pessoa do singular (.80) e do plural (.27). Os exemplos abaixo ilustram as realizações:

- (5) a. Elas me contam tudo. (FLP 13)
b. Ela começou a falar de toda a vida dela pra mim. (FLP 13)
- (6) a. Que nos desse desse dado. (FLP 21)
b. Ela compra bastante coisa pra nós. (FLP 03)
c. É ela que compra pra gente. (FLP 03)
- (7) a. Foi como eu te falei no começo da entrevista. (FLP 04)
b. Como eu já lhe falei, eu fui um dos primeiros diretores. (FLP 21)
c. Vou resumir pra ti que eu não quero dizer tudo. (FLP 13)

⁷ Cumpre observar que talvez isso se dê ao número reduzido de dados analisados: 180.

- (8) a. Demos uma força pra ela. (FLP 04)
b. A gente pode adquirir pra eles um material didático. (FLP 18)

O segundo grupo de fatores estatisticamente relevante para a realização do dativo na forma de clítico foi a realização ou não do objeto direto. Os resultados podem ser vistos na tabela que se segue.

Tabela 3

Realização do objeto indireto na forma de clítico em função da realização ou não do objeto direto

Objeto Direto	Frequência total/aplicação	%	PR
Apagado	79/38	23	.38
Não apagado	90/28	31	.61

Note-se que quando o objeto direto aparece expresso na oração, como podemos ver em (9a) e (9b), o dativo tende a se cliticizar mais (.61) do que quando o objeto direto aparece apagado (.38), como mostram (9c) e (9d). Esses resultados confirmam as nossas hipóteses em relação a esse grupo de fatores: quando os falantes expressam os dois objetos exigidos pelo verbo, eles preferem colocar um objeto antes e o outro depois do verbo, sendo que o anteposto se realiza na forma de clítico.

- (9) a. Veio um senhor me oferecer um outro trabalho. (FLP 04)
b. Ela ia contando as coisas pra mim. (FLP 04)
c. Nós não merecemos, mas ele nos dá. (FLP 22)
d. Ela logo dá pra gente. (FLP 04)

Simultaneamente, em ordem decrescente, o programa descartou os seguintes grupos de fatores: sexo, tempo verbal, escolaridade, idade, forma verbal, ordem, tipo de objeto indireto e transitividade do verbo.

Mostraremos a seguir os cálculos de frequência e os percentuais de cada um deles. Começemos com os fatores lingüísticos:

2.1. Os fatores lingüísticos

Para testar o fator transitividade do verbo, consideramos verbos transitivos indiretos (10a) e (10b), que selecionam como argumento interno um objeto indireto, e verbos bitransitivos (10c) e (10d), que selecionam dois argumentos internos, um objeto direto e um objeto indireto:

- (10) a. Eu ia dizer pra todo mundo que eles tinham me batido. (FLP 01)
 b. Todo mundo confia em mim. (FLP 13)
 c. Ele me deu a chave da loja. (FLP 04)
 d. A mãe ia comprar uma bola pra mim. (FLP 18)

A tabela (4) apresenta o número de ocorrências e seus respectivos percentuais:

Tabela 4
Realização variável do objeto indireto em função da transitividade do verbo

Transitividade	Clítico		Tônico	
	Frequência Total/aplicação	%	Frequência Total/aplicação	%
Bitransitivo	169/46	27	169/123	73
Trans. Indireto	11/3	27	11/8	73

Os resultados indicam que o número de construções com verbos bitransitivos (169) é muito maior do que as construções com verbo transitivo indireto (11)⁸. Entretanto, os percentuais não revelam nenhuma diferença no que diz respeito à forma preferencial de realização do dativo: 27% de dativos realizados na forma de clíticos, tanto com verbos bitransitivos

⁸ Convém lembrar que, no PB, os verbos transitivos indiretos se apresentam em número reduzido, não só em relação aos bitransitivos, como também em relação aos transitivos diretos.

quanto com transitivos indiretos; 73% de dativos realizados na forma de pronomes tônicos, para ambos os tipos de verbos. Vejamos os exemplos a seguir:

No que se refere ao papel temático do objeto indireto, consideramos quatro tipos de estruturas: aquelas que contêm verbos experienciadores/cognitivos com e sem a presença de um verbo suporte (11), que normalmente aparece integrado com um objeto direto (conforme Neves 1996); e aquelas estruturas que apresentam verbos de natureza benefactiva/malefactiva com e sem a presença de um verbo suporte (12). Com os primeiros verbos, o papel semântico do objeto indireto é de experienciador (E); com os segundos, o papel semântico é de benefício/malefício (B) (conforme Cook 1989).

- (11) a. São pobres que não me dão trabalho. (FLP 07)
 b. Ele aí dava uma surra em mim. (FLP 18)
 c. Como eu já lhe falei, eu fui um dos primeiros diretores. (FLP 21)
 d. Como eu falei pra ti. (FLP 18)
- (12) a. Tu podes me dar até um cheque pré-datado. (FLP 07)
 b. Eu pegava e comprava um outro video game pra mim. (FLP 13)
 c. Ele me deu um prazo de um ano para me casar. (FLP 18)
 d. A gente deu uma força pra eles. (FLP 04)

Vejamos a tabela (5):

Tabela 5
Realização variável do objeto indireto em função do fator papel temático

Papel do OI	Clítico		Tônico	
	Frequência Total/aplic.	%	Frequência Total/aplic.	%
Exp(se. v. sup.)	101/32	32	101/69	68
Exp(c.v. sup.)	22/5	23	22/17	77
Ben(s. v. sup.)	44/9	20	44/35	80
Ben(c. v. sup.)	13/3	23	13/10	77

Os dados demonstram que o objeto indireto experienciador/cognitivo, sem o verbo-suporte, é o mais recorrente. Do total de 180 dados analisados, 101 foram verificados como sendo dessa natureza: 32% na forma de clíticos e 68% na forma de pronomes tônicos. Isto se explica pelo grande número de verbos dicendi⁹ presentes no corpus, constatação também revelada na pesquisa de Berlinck (1997).

O objeto indireto beneficiário, sem o verbo-suporte, é o segundo mais recorrente. Dos 44 casos, em 20% o dativo se realiza na forma de clítico e em 80% ele se realiza na forma tônica. Comparando-se o experienciador com o beneficiário, ambos sem o verbo-suporte, nota-se que o primeiro favorece mais a realização do objeto indireto na forma de clítico (32%) do que o segundo (20%). Quanto à realização do objeto indireto na forma de pronome tônico há uma inversão: 80% para o beneficiário e 68% para o experienciador.

Com relação às estruturas que contêm o verbo-suporte, note-se que os percentuais são idênticos tanto para o objeto indireto experienciador/cognitivo quanto para o beneficiário. Ou seja, os resultados não revelam nenhuma diferença no tocante à forma preferencial de realização do dativo quando a estrutura apresenta o verbo suporte. Esperávamos que, quando esse tipo de verbo ocorresse, o dativo se realizaria preferencialmente na forma de clítico, já que o objeto direto aparece expresso na sentença.

No que se refere à forma verbal, levamos em consideração as estruturas simples (13), que contêm apenas um verbo, e as estruturas complexas (14), que apresentam mais de um verbo adjacente:

- (13) a. Por isso é que eu lhe falei. (FLP 21)
 b. Naquele campo que eu falei pra ti que hoje é o Instituto. (FLP18)
- (14) a. Eu estava te falando no livro da Isa. (FLP 22)
 b. O que que eu posso mais dizer pra ti? (FLP 18)

⁹ Do total de 180 construções analisadas, 92 apresentam verbos dicendi: em 62 construções o dativo se realiza na forma tônica e em 30 na forma de clítico.

Consideremos a tabela (6):

Tabela 6
Realização variável do objeto indireto em função da forma verbal

Forma verbal	Clítico		Tônico	
	Frequência Total/aplic.	%	Frequência Total/aplic.	%
Composta	42/16	38	42/26	62
Simples	138/33	24	138/105	76

Dos 180 dados, 138 são verificados em construções simples e 42 em construções com mais de um verbo adjacente. Em ambas as construções o dativo se realiza preferencialmente na forma tônica. No que se refere ao clítico, os percentuais revelam que ele é mais freqüente em sentenças compostas (38%) do que em sentenças simples (24%). Já com a forma tônica há uma inversão: o tônico ocorre mais em sentenças simples (76%) do que nas compostas (62%).

Com relação ao tempo verbal, os dados apontaram três tempos mais recorrentes: em primeiro lugar o pretérito perfeito do indicativo, (72 casos); em segundo o presente (44 casos) e em terceiro o pretérito imperfeito (39 casos), ambos também do indicativo. Vejamos a tabela (7):

Tabela 7
Realização variável do objeto indireto em função do tempo verbal

Tempo	Clítico		Tônico	
	Frequência Total/aplic.	%	Frequência Total/aplic.	%
Presente ind.	44/11	25	44/33	75
Pret. Perf. Ind.	72/22	31	72/50	69
Pret. Imp. Ind.	39/6	15	39/33	85
Fut. Pret. Ind.	5/1	20	5/4	80
Imp. Subjuntivo	5/3	60	5/2	40
Infinitivo	9/2	22	9/7	78
Fut. Pres. Ind.	4/3	75	4/1	25
Fut. Subjuntivo	2/1	50	2/1	50

Dos tempos verbais mais recorrentes, note-se que o que mais favorece o uso do clítico é o pretérito perfeito: (31%). Resultado esse também comprovado por Berlinck (1997) no que se refere a esse tempo verbal. Nesse mesmo estudo, a autora verifica que com o pretérito imperfeito do indicativo há mais ocorrências de dativos na forma tônica (28%) do que na forma de clítico (23%). Essa constatação também se verifica em nosso levantamento, ou seja, com o pretérito imperfeito do indicativo há 85% de objetos indiretos realizados na forma de tônicos e 15% na forma de clíticos.

No que se refere aos outros tempos verbais, verificou-se que o imperfeito do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo favorecem a realização do dativo na forma de clítico. Das ocorrências encontradas com o imperfeito, 60% são de clíticos e 40% são de tônicos. Com o futuro do presente do indicativo, constatamos 75% de dativos na forma de clítico e apenas 25% na forma tônica.

A seguir, apresentamos os exemplos conforme a hierarquia da tabela acima:

- (15) a. Nós não merecemos, mas ele nos dá. (FLP 22)
b. Hoje, elas não dão nem uma calçadeira pra gente. (FLP 22)
- (16) a. O Alexandre e o Tiago já me disseram isso. (FLP 13)
b. Ele disse pra mim que eu pedisse. (FLP 04)
- (17) a. Ele me mostrava tudo. (FLP 06)
b. Minha avó dava na minha irmã e já dava em mim também. (FLP 03)
- (18) a. Não ia te fazer nada. (FLP 04)
b. O americano não ia emprestar mais dinheiro pra gente. (FLP 06)
- (19) a. Se ele me pedisse um maço de cigarro. (FLP 17)
Se ele desse na gente, a mãe não podia socorrer. (FLP 18)
- (20) a. Eu sentava, assim, na máquina pra costureira me ensinar. (FLP 03)
b. Tem uma bela duma escola pra falar pra gente. (FLP 04)

- (21) a. Vai lhe dar gasto no bolso. (FLP 04)
b. Vou resumir pra ti. (FLP 13)
- (22) a. Se você me perguntar todas as ruas do Saco dos Limões. (FLP 21)
b. Qualquer coisa que disser pra ela. (FLP 14)

Com respeito à ordem dos constituintes, apresentamos na tabela abaixo apenas os dados com as estruturas nitidamente mais frequentes no corpus analisado:

Tabela 8
Realização variável do objeto indireto em função da ordem

Ordem	Clítico		Tônico	
	Frequência Total/aplic.	%	Frequência Total/aplic.	%
V-OI	66/0	0	66/66	100
OI-V-OD	27/27	100	27/0	0
V-OD-OI	46/0	0	46/46	100
V-OI-OD	11/1	9	11/10	91
OI-V	21/21	100	21/0	0

Vejamos os exemplos:

- (23) a. Ela disse pra mim. (FLP 03)
b. Quando foi um dia, eu falei pra ele assim. (FLP 22)
- (24) a. Se você me perguntar todas as ruas do Saco dos Limões. (FLP 21)
b. Se ele me pedisse um maço de cigarro. (FLP 17)
- (25) a. Ela ia contando as coisas pra mim. (FLP 04)
b. Dou muito carinho pra eles. (FLP 17)
- (26) a. Você tem que trazer pra mim o problema. (FLP 04)
b. Levamos algumas sugestões e pedimos a ele dados. (FLP 21)
- (27) a. Nós não merecemos, mas ele nos dá. (FLP 22)
b. Olha, eu não sei te dizer. (FLP 22)

Conforme os resultados apresentados na tabela, vemos que, categoricamente, o objeto indireto privilegia a forma tônica nas ordens V-OI¹⁰ (66 casos), como em (23), e V-OD-OI (46 casos), como em (25). Na ordem V-OI-OD, (26), apesar de 1 ocorrência (9%) de clítico, a maioria das realizações do dativo também se verifica na forma tônica (91%). Já em relação aos dativos que se realizam na forma de clítico, categoricamente eles ocorrem nas ordens OI-V-OD, como vemos em (24), e OI-V, como em (27), sempre precedendo o verbo, já que esta é a posição preferida do clítico no PB. A ênclise, por sua vez, é altamente marginal no PB falado, ocorrendo apenas em situações específicas, por exemplo diante de infinitivo¹¹, e em construções quase cristalizadas como é o caso do exemplo abaixo, que verificamos na ordem V-OI-OD:

(28) Eu peguei e dei-lhe uma porrada. (FLP 13)

Com relação às outras ordenações verificadas no corpus, vale destacar que, categoricamente, o dativo se realiza na forma tônica, pois ele não ocorre adjacente ao verbo: em posição de tópico (29a) e (29b) ou separado do verbo por um advérbio (29c) e (29d):

- (29) a. Aí, pra ela, ele mandou fazer um panelão de arroz. (FLP 01)
 b. Em mim ela não deu dor de cabeça. (FLP 03)
 c. Eu ia agradecer profundamente a eles. (FLP 04)
 d. Com a morte dela passou automaticamente pra mim. (FLP 22)

¹⁰ Com respeito a essa ordem, vale ressaltar que apesar de o dativo ocorrer junto do verbo, eles não estão amalgamados. A interposição de um advérbio entre o verbo e o pronome tônico serve para assegurar isso, como mostra o exemplo (ia). Já com a ordem OI-V, o dativo faz parte do complexo verbal. Entre o verbo e o clítico não pode ocorrer um advérbio, como mostra o contraste (ib) versus (ic):

a. O meu pai dizia (sempre) pra eles.
 b. Elas me contam tudo.
 c. *Elas me (sempre) contam tudo.

¹¹ A esse respeito, ver Luize (1997).

2.2. Os fatores extralingüísticos

No que diz respeito ao fator social sexo, não se verificou nenhum contraste significativo, como mostram o número e o percentual de ocorrências das variantes na tabela abaixo:

Tabela 9
Realização variável do objeto indireto em função do sexo do informante

Sexo	Clítico		Tônico	
	Frequência Total/aplic.	%	Frequência Total/aplic.	%
Masculino	94/25	27	94/69	73
Feminino	86/24	28	86/62	72

Quanto ao fator escolaridade, vejamos a tabela (10):

Tabela 10
Realização variável do objeto indireto em função da escolaridade do informante

Escolaridade	Clítico		Tônico	
	Frequência Total/aplic.	%	Frequência Total/aplic.	%
Colegial	67/21	31	67/46	69
Primário	113/28	25	113/85	75

Como esperávamos, realmente os falantes mais escolarizados usam mais clíticos do que os informantes de nível escolar mais baixo, já que o uso do clítico se deve à ação normativa da escola. Do total de 49 clíticos, 31% estão presentes na fala daqueles com grau colegial, e 25% estão presentes na fala dos informantes com grau primário. Quanto à realização do dativo na forma tônica, das 131 ocorrências, 75% estão presentes na fala daqueles informantes menos escolarizados, enquanto que 69% estão na fala dos mais escolarizados.

Em relação à idade verificamos a seguinte distribuição:

Tabela 11
Realização variável do objeto indireto em função da faixa etária do informante

Idade	Clítico		Tônico	
	Frequência Total/aplic.	%	Frequência Total/aplic.	%
25 a 50	78/19	24	78/59	76
Até 25	64/17	27	64/47	73
Acima de 50	38/13	34	38/25	66

Como esperávamos, os falantes mais jovens tendem a realizar mais o dativo na forma tônica (76% e 73%) do que os mais velhos (66%). Em relação aos clíticos, eles ocorrem em maior número na fala dos informantes mais velhos (34%), enquanto que na fala dos mais novos se observa um percentual mais baixo: (24% e 27%).

3. A "batalha"...

Conforme os resultados apresentados, vimos que, realmente, duas estruturas sintáticas estão em "competição" no PB, ambas "batalhando" por um espaço na sintaxe dessa língua: o dativo realizado na forma de clítico versus o dativo realizado na forma de pronome tônico, que, normalmente, ocorre após uma preposição¹².

Destas duas realizações, a primeira é a que mais nos chama a atenção, pois como sabemos, a maioria dos clíticos, *me/te/se/lhe(s)*, do PB são ambíguos quanto à função sintática. Eles podem desempenhar tanto a função de objeto direto (acusativo), ao lado dos clíticos *o(s)/a(s)/lo(s)/la(s)*, quanto de indireto (dativo). Para esta última função, poderíamos esperar apenas o pronome tônico precedido de preposição, já que esta é

¹² Vale dizer que, no PB, atualmente, se observa o uso do objeto indireto sem a preposição, como mostram os exemplos abaixo:

a. Quem vai lá tem que *obedecer* eles. (FLP 017)

b. E eu depois ganhei um presente dele, que eu *mostrei* ela (FLP 017)

Como se pode notar, é também um fenômeno que merece ser investigado sob uma perspectiva da teoria da variação lingüística.

uma indicadora de que o sintagma que a segue desempenha a função de objeto indireto. No entanto, os clíticos também podem desempenhar tal função.

Essa nossa expectativa é, na verdade, comprovada pelos resultados da pesquisa. Das duas estruturas analisadas (dativo clítico versus dativo tônico), as evidências comprovam que os falantes do PB preferem realizar o objeto indireto na forma tônica (73%). Quanto à realização do dativo na forma de clítico, vimos que ela é pouco privilegiada: 27%¹³. Mas tal resultado se deve ao fato de que o sistema de clíticos dessa língua se encontra bastante empobrecido.

Apesar de os dados revelarem a pouca ocorrência dos clíticos, não podemos deixar de considerar que em algumas situações os clíticos ainda resistem: quando o objeto indireto se refere à primeira e segunda pessoas do discurso e quando o objeto direto aparece expresso na sentença. Cumpre, então, fazermos a seguinte pergunta: até quando irá essa resistência dos clíticos no PB? O que é bastante evidente, como mostraram os resultados da nossa pesquisa, é que a sobrevivência de tais elementos se vê ameaçada. No geral, os clíticos são substituídos, freqüentemente, por outras formas; substituições essas que integram o conjunto de modificações que vem sofrendo o sistema pronominal do português.

Referências Bibliográficas

- BERLINCK, R. de A. (1997) "Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil." In: Anais do II Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul). Florianópolis.
- COOK, W. A. S. J. (1989) Case grammar theory. Washington, D.C.: Georgetown University.

¹³ Em Silveira (1999), postulo que, no PB, o clítico cede lugar para outras formas porque a cliticização é um processo derivacional bastante custoso. O clítico, por apresentar um estatuto misto, de sintagma e de núcleo (conforme Sportiche 1992), se submete a movimentos adicionais na estrutura da oração, o que torna a derivação mais custosa, o que não acontece, por exemplo, com a forma tônica. Esta não tem estatuto nuclear, e, por isso, realiza menos movimentos do que o clítico.

- CORRÊA, V. R. (1991) Objeto Nulo no Português do Brasil. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP.
- CYRINO, S.M.L. (1993) "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos". In: Roberts, I. & Kato, M. A. (orgs) Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- DUARTE, M. E. L. (1986) Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUCSP.
- GALVES, C. (1989) "O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa". In: Cadernos de Estudos Linguísticos XVII. Campinas: IEL/UNICAMP.
- LABOV, W. (1972) Language in the inner city. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LUIZE, T.B. (1997) Entre o português europeu e o português brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC.
- MENON, O. P. da S. (1994) "O sistema pronominal do português do Brasil". Anpoll. Caxambu.
- NEVES, M. H. M. (1996) "Estudo das construções com verbo-suporte em português". In: Koch, I. G. V. (Org.) Gramática do Português Falado. Vol. VI: Desenvolvimentos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- NUNES, J. (1993) "Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro". In: Roberts, I. & Kato, M. A. (orgs) Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- PAGOTTO, E. G. (1993) "Clíticos, mudança e seleção natural." In: Roberts, I. & Kato, M. A. (orgs) Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- PEREIRA, M. G. D. (1981) A Variação na Colocação dos Pronomes Átonos no Português do Brasil. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUCRJ.
- PINTZUK, S. (1988) VARBRUL Programs. Mimeo.
- SILVA, M. C. F. (1996) A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- SILVEIRA, G. (1997) O comportamento sintático dos clíticos no português brasileiro. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC.
- (no prelo) "Os clíticos no português brasileiro: uma abordagem minimalista." In: Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN. SPORTICHE, D. (1992) "Clitic constructions". UCLA.